

DO CHÃO DA FÁBRICA AOS GRAMADOS: RELAÇÕES ENTRE MUNDOS DO TRABALHO E FUTEBOL EM FORTALEZA (1949-1965)

Pedro Paulo da Silva Martins¹

RESUMO:

Por meio das práticas esportivas e de lazer, podemos apreender diversas significações sociais e culturais de uma sociedade. Já que, tais práticas, criam e dão forma aos espaços de sociabilidade, interação e conflito entre indivíduos. O presente trabalho tem como objetivo perceber, por meio do clube de futebol Usina Ceará Atlético Clube - equipe formada, inicialmente, apenas por trabalhadores da extinta fábrica Siqueira Gurgel, que se situava no bairro do Otávio Bonfim e trabalhava basicamente com o beneficiamento do algodão e óleos - como se dava a prática do futebol que se inicia dentro das fábricas no período e como essa prática reverberava dentro do mundo do trabalho. Verificando como o futebol se apresentava para os operários-jogadores – subordinados que compunham os quadros da equipe fabril – como uma ferramenta informal de luta contra os desmandos patronais, pretendemos perceber como a prática do futebol de fábrica influenciava nas relações operário/patrão e operário/operário. O recorte temporal de nosso trabalho compreende os anos entre 1949 e 1965, período de existência do clube pesquisado.

Palavras-Chave: Lazer Proletário, Futebol, Fortaleza.

From the factory's floor to soccer field: relation between work's worlds and soccer in Fortaleza.

ABSTRACT:

Through practices of sports and leisure we are able to seize several social and cultural meanings in a society. Since such practices create and give shape to spaces of sociability, interaction and conflict among individuals. This work aims to perceive, through the extinct football club Usina Ceará Atlético Clube – Club initially composed only for workers of the extinct Siqueira Gurgel factory, which was placed in the Otávio Bonfim's neighborhood and had as main focus the industrial improvement of cotton and oils – how the football practice that started inside the factories happened in this period e how such practices echoed inside the world of workers. Verifying how football was presented to the workers-players – subordinates that compose the factory staff – as an informal tool of struggle against employers' abuses, we intend to see how the football practice in a factory influenced the employer/worker and worker/worker relationship. Ours research time frame comprises the years 1949 and 1965, existing period of our club of interest.

Key-words: Labor Leisure; Football; Fortaleza.

¹ Graduado em História pela Universidade Federal do Ceará, atualmente é bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, por integrar o Programa de Pós-Graduação em História Social UFC – tendo como orientador o Professor Doutor Frederico de Castro Neves. Vinculado ao Grupo de Estudo e Pesquisa História e Futebol – UFC. e-mail: pedro.paulomartins@hotmail.com

1- Discrepância capitalista em Fortaleza na década de 1950

Durante as décadas de 1950 e 1960, a expansão capitalista sentida na cidade de Fortaleza resultou num crescimento econômico de viés modernizador dos espaços e equipamentos urbanos. É interessante perceber que tais melhorias infraestruturais atendiam apenas uma parcela da população, deixando os menos abastados à margem desse processo. Tal situação é uma das características que vem a reboque da consolidação da economia de mercado em Fortaleza nesse período.

Apesar de haver uma maior acumulação de capital e este fosse materializado em melhorias urbanas, elas não estariam a disposição de todos os fortalezenses. Pelo contrário, à medida que a economia de mercado crescia, aumentava a pobreza na cidade. Para Karl Polanyi, um dos surpreendentes paradoxos o qual o homem moderno é confrontado reside justamente no fato de que a pobreza acompanha a abundância (POLANYI, 2000, p.107).

Por mais que o setor industrial fortalezense fosse precário, muito da acumulação de capital da cidade vinha deste domínio, cerca de 12% da renda interna do estado. Mesmo não vivendo seus melhores momentos durante a década de 1950, a indústria têxtil tinha grande importância para a cidade. Diversas foram as fábricas que desenvolveram seus trabalhos nesse ramo em Fortaleza.

Para trabalhar o paradoxo trazido pela dinâmica capitalista ao local onde se desenvolve daremos destaque à Siqueira Gurgel & Cia. Ltda. Tal ênfase se dá a partir da particularidade que essa fábrica tem perante as outras, uma vez que seus dirigentes conciliavam as incumbências patronais para com seus empregados com as responsabilidades de patrocinar uma equipe de futebol da fábrica nos quadros do Campeonato da Primeira Divisão de Futebol Cearense, O Usina Ceará Atlético Clube. Essa equipe contava ainda em seu plantel com operários da própria fábrica, o que chamaremos de operário-jogador.

Se tomarmos a produção do setor têxtil das indústrias cearenses no ano de 1951, veremos que ocorreu uma das maiores exportações para o exterior até então – quatrocentas toneladas de algodão para o Japão, além de embarques menores para Alemanha, Inglaterra e França. Neste ano, a arrecadação do Estado fora de Cr\$ 120.000,00 (cento e vinte mil cruzeiros) apenas com a transação feita com o Japão (JUCÁ, 2000, p.57). Este ganho material do setor têxtil no Ceará não será sentido pelos operários que trabalham no mesmo setor – área que concentrava o maior número de

trabalhadores do Estado. Podemos perceber essa distorção por meio de matéria do jornal *O Democrata* publicada em outubro de 1951:

Enquanto se vai agravando a situação de miséria dos trabalhadores, para falarmos apenas no setor têxtil, os lucros das empresas industriais de tecidos aumentam de ano para ano. Basta, como exemplo, que se diga que a Cia. Têxtil José Pinto do Carmo, uma das menores do Estado, obteve, no ano passado, um lucro líquido de dois milhões e quatrocentos e doze mil cruzeiros (Cr\$ 2.412.000,00), equivalente a 20,3% do seu capital (O Democrata. Fortaleza, 13 out.1951).

A miséria a qual nos fala a matéria se concretiza no congelamento dos salários e na falta de pagamento dos abonos aos operários, onde seu poder aquisitivo não acompanha a carestia dos preços dos produtos de primeira necessidade, como feijão, arroz, farinha, carne etc. A alimentação era precária e tornou-se comum a banana com pão substituir o almoço (JUCÁ, 2000, p. 57).

A relação entre o empobrecimento da classe trabalhadora e a falta de acesso a produtos de primeira necessidade vai ao encontro do que Bronislaw Geremek alerta em *A piedade e a força: história da miséria e da caridade na Europa*, onde o movimento dos preços é um fator determinante do nível de vida das massas e um dos responsáveis pela sua pauperização. Para o historiador polonês o preço dos artigos de “pobre”, ou seja, dos produtos de primeira necessidade, sobretudo alimentares, sobe muito mais rapidamente que os artigos menos indispensáveis (GEREMEK, 1986, p. 271).

A própria fábrica Siqueira Gurgel comprova que a economia de mercado contribui para a formação de um empobrecimento em contraponto de seu crescimento econômico. Em 1954, o paradoxo abundância/pauperismo trazido pela economia de mercado fica às vistas quando o gerente Eduardo Gurgel, alegando déficit econômico, tenta implementar, numa tentativa de desenvolver ilimitadamente a força produtiva de seus funcionários, um acréscimo na carga horária dos operários dos setores têxtil, de óleos e mecânica da fábrica. Em reclamação, os trabalhadores levantam-se alegando que novas seções foram instaladas, o maquinário havia sido renovado, além da reforma dos galpões. Execuções de ordem material que seriam impossíveis de realizar se a fábrica realmente estivesse em déficit (**O Democrata**. Fortaleza, 16 jun. 1954).

Enquanto a fábrica Siqueira Gurgel vai obtendo lucros consideráveis e expandindo sua infraestrutura para aumentar sua produtividade, novas instalações também são construídas para seus operários.

Afim de não almoçarem em cima das máquinas, os operários conseguiram que a direção da fábrica cedesse um pequeno compartimento onde eles se reuniam para fazer a sua magra refeição. Mas depois que entregaram o quarto aos operários os patrões não cuidaram mais dele, não mandando sequer fazer uma limpeza de vez em quando. Os trabalhadores comem em meio a um mau cheiro insuportável (O Democrata. Fortaleza, 25 mar. 1954).

Pode-se sentir o paradoxo abundância/pauperismo presente nas dependências da própria fábrica. Percebe-se que um surto vigoroso no comércio é acompanhado por indícios de crescentes dificuldades para os pobres (POLANYI, 2000, p.106). Em 1954 os dirigentes da fábrica Siqueira Gurgel já patrocinavam o Usina Ceará nos quadros da Primeira Divisão do Campeonato Cearense de Futebol. Tal empreitada demandava vultosos investimentos, a saber: manutenção da equipe federada à FCD (Federação Cearense de Desporto), pagamento de salários para os atletas profissionais que compunham o elenco, pagamento de um segundo salário para os operários que atuavam como jogadores de futebol do Usina Ceará, compra de materiais esportivos, além do pagamento do “bicho²” para os atletas após conquistas importantes. Vale lembrar que nesse período o clube proletário – como era chamado o Usina Ceará – já contava com um estádio de futebol próprio, equipamento que equipes tradicionais do futebol cearense não tinham – como o ferroviário, fundado 16 anos antes do Usina, iniciou a construção de seu próprio campo apenas em 1967 – e uma sede social para os festejos do clube.

Esse descomprometimento com seus operários corrobora com o entendimento de que a fábrica Siqueira Gurgel está inserida no sistema capitalista da sociedade de mercado, uma vez que para tal sistema funcionar a experiência da pobreza deve existir.

O pauperismo tem de ser constantemente gerado uma vez que constitui a condição necessária – como que as “despesas ocasionais” – da produção capitalista. O problema da pobreza é, assim, tratado sobre o pano-de-fundo da análise geral da acumulação capitalista (GEREMEK, 1986, p. 269).

Era de fundamental importância que a experiência de pobreza em Fortaleza se apresentasse como um “mal necessário”, uma vez que seriam esses pobres que realizariam os trabalhos mais árduos, em péssimas condições de trabalho e baixos salários. Melhor seria do que enfrentar as agruras que viriam a reboque do desemprego. Tão grave era o problema do desemprego no setor têxtil no Estado do Ceará que, em reunião com os presidentes dos sindicatos dos trabalhadores têxteis de todo o Brasil, no Rio de Janeiro, o representante cearense, Raimundo Lopes Gondim, aponta o

² Bicho era uma espécie de premiação extra para os atletas após resultados expressivos.

desemprego como *o mais crucial problema para os trabalhadores da corporação (O Democrata*. Fortaleza, 06 jul. 1957).

Geremek relaciona desemprego e condições de trabalho das fábricas inglesas do século XIX. Tal relação guarda semelhanças com o contexto fabril da cidade de Fortaleza durante a década de 1950.

No século XIX, as fábricas mecanizadas oferecem maiores garantias de estabilidade de emprego do que a indústria manufatureira. Nessas fábricas, as condições de trabalho eram absolutamente deletérias, mas os operários que nelas arriscavam a saúde e a vida encontravam-se, ainda assim, numa situação mais vantajosa que a dos obreiros não alistados no “proletário industrial (GEREMEK, 1986, p. 272)”.

Por mais que as condições de trabalho beirassem a desumanidade com suas instalações desapropriadas para o desenvolvimento salubre do trabalho, salários de miséria que mal davam para suprir os produtos de primeira necessidade, extensão da carga horária de trabalho com a feitura de horas extras para complementar a renda, trabalho infantil com remunerações baixíssimas, coação dos têxteis por parte dos fiscais de fábrica e o descumprimento das leis trabalhistas por parte dos patrões, o representante dos operários têxteis cearenses aponta o desemprego como a principal preocupação de sua categoria em Fortaleza.

2 – Operário-jogador entre dominações e resistências

As formas de resistência dos trabalhadores aos desmandos dos dominantes não se encontram apenas nas instituições sindicais ou partidárias. Há, entre a elite dominante e os subordinados, uma luta material discreta que acontece no cotidiano fabril e para além dos muros das fábricas, tendo em vista que, muitas vezes, os patrões tentam controlar o tempo livre de seus operários e estes encontram maneiras de resistir a essa dominação.

Nem só de greves, paralisações e reclamações formais vivem as formas de resistência daqueles trabalhadores insatisfeitos com os abusos sofridos em seu ambiente de trabalho e em sua vida pessoal. Para James Scott, aqueles que são subordinados adotam mecanismos triviais de defesa para obter uma resistência prática à opressão sofrida. Tais mecanismos podem variar de acordo com as necessidades dos subordinados, mas nunca acabam. Essas práticas, que podem parecer insignificantes à primeira vista, foram chamadas por Scott de discurso oculto (SCOTT, 2013).

O discurso oculto, aquilo que os trabalhadores falam ou fazem entre si e não deixam transparecer aos dominantes, necessita de um espaço onde possa ser desenvolvido e aprimorado. Entretanto, as elites não medem esforços para abolir esses espaços.

A própria fábrica, durante o expediente, pode se tornar esse espaço de criação de uma cultura dissidente. Pensando em penetrar e controlar esse espaço, dirigentes da Siqueira Gurgel adotam a prática de inserir fiscais para inspecionar a produção e as horas extras de seus operários. Em agosto de 1950, o jornal *O Democrata* denuncia dispensas criminosas de trabalhadores na fábrica Siqueira Gurgel por motivos banais. Tais demissões vão desde uma simples reclamação até uma denúncia dos mestres aos gerentes. Mas parece que tais motivos não são tão banais assim:

No entanto, o que parece certo é que os proprietários da Siqueira Gurgel querem é realmente dispensar um grande número de operários, efetuando os cortes aos poucos, afim de evitar que surjam movimentos de protestos por parte dos trabalhadores (O Democrata. Fortaleza, 12 ago. 1950).

Tentando alcançar o objetivo de fazer com que a fábrica não se torne um espaço de transmissão do discurso oculto, os dirigentes da fábrica colocam informantes no meio dos trabalhadores com o objetivo mantê-los controlados. Isso não acontecendo, as demissões se apresentam, para além da figura exemplar, como forma de isolar efetivamente os operários mais ardis.

Outra forma de dominação patronal se apresenta em forma de injúrias recebidas pelos subordinados por parte de seus dominantes. Aquele que tem sua atenção chamada em público tem sua dignidade individual ofendida e isso gera um constrangimento pessoal que reverbera em seu grupo de relacionamento mais próximo e família. Enquanto o subordinado que recebe as recomendações em privado no gabinete do patrão sofre bem menos que o primeiro (SCOTT, 2013, p. 166).

Em 26 de agosto de 1950, o jornal *O Democrata* publica matéria de um trabalhador da fábrica Siqueira Gurgel que procurou a redação do jornal para denunciar a suspensão que levou de três dias por ter saído de seu posto para tomar um copo d'água. Tal trabalhador, não identificado, aproveita para avisar que ele e outros trabalhadores de seu setor estão sendo oprimidos e sofrendo perseguições do mestre João Costa (**O Democrata**. Fortaleza, 26 ago. 1950).

Seguia-se o ano de 1953, seria mais uma tarde de treinamento normal do quadro principal do Usina Ceará, não fosse o chamado do dirigente da Siqueira Gurgel e presidente da equipe de futebol da fábrica, senhor Otacílio Amaral. O chamado fora direcionado a um dos craques da equipe proletária, o atacante Novíssimo. Otacílio do Amaral manda avisar que Novíssimo compareça às dependências de seu escritório e aguarde a reunião acabar. Tal encontro se deu para que se tratasse de um ato de indisciplina do atacante no último jogo do Usina. Novíssimo fora repreendido por ter desferido uma cusparada no rosto de um atleta da equipe adversária (DAMASCENO, 2003, p. 77).

Percebemos que os dirigentes da Siqueira Gurgel adotavam a repreensão como forma de controle de seus trabalhadores. Mas enquanto os operários tinham sua atenção chamada e suas punições decretadas em público os jogadores de futebol, que também eram subordinados aos patrões da Siqueira Gurgel recebiam o privilégio de receber repreensões de forma privada e bem menos ofensiva. Percebemos que há uma distinção entre os indivíduos que são subordinados aos dirigentes da Siqueira Gurgel. O futebol mostra-se como uma ferramenta da classe trabalhadora para conseguir certos bens materiais que não é acessível a todos. Nesse caso, foi por conta de sua importância em campo que Novíssimo não precisou sofrer as mesmas humilhações que os outros subordinados no momento de ser repreendido.

Já falamos da importância de ter um espaço social onde o discurso oculto possa ser desenvolvido pelos subordinados. Para que haja eficiência na circulação dos mecanismos de resistência, precisamos atentar para os sujeitos que compartilham esse espaço. Para que haja uma boa circulação do discurso oculto, os indivíduos precisam estar em situação idêntica. Assim, terão garantidos em seu discurso uma experiência de subordinação em comum (SCOTT, 2013, p. 174).

Levando em consideração que os operários-jogadores tinham certos privilégios se comparados com o operário “comum”, aqueles dificilmente integrariam o espaço social em que se desenvolveria e se aprimoraria o discurso oculto destes.

Os operários-jogadores seguiam o ritmo de conciliar o trabalho na fábrica pela manhã e os treinamentos no campo de futebol pelo período da tarde. Assim, essa parcela de trabalhadores subordinados da fábrica Siqueira Gurgel tinham certas mordomias na hora do expediente. Um trabalho mais leve, uma ronda pela fábrica, ou mesmo um nada

fazer nos dias de treinamento dariam mais disposição e energia para um melhor desempenho do operário-jogador em campo.

Em entrevista, José Viana de Melo, que fora tecelão da Siqueira Gurgel e zagueiro do Usina Ceará, ao ser perguntado que cargo ocupava na fábrica, nos conta:

Minha função era tecelagem. Eu era contramestre da seção de tecelagem, auxiliar do mestre. Agora, o mestre era muito torcedor do Usina e não deixava eu fazer nada. Mestre era torcedor mesmo, não queria que eu fizesse esforço nenhum (Melo. Fortaleza, 18 mai. 2015).

Se por um lado, temos um operário que dividia suas funções entre os muros da fábrica e os gramados e por isso tinha sua carga horária reduzida por ordem de seu mestre, por outro temos operários que precisam estender o horário além do normal para poder complementar sua renda, além de sofrerem coação de mestres e fiscais. Como é o caso do tecelão Luciano, que fora demitido após protesto formulado de roubo de suas horas extraordinárias por parte do fiscal da Siqueira Gurgel, Valdemir de Souza (**O Democrata**. Fortaleza, 12 ago. 1950).

Outra forma de favorecimento que os operários-jogadores usufruíam se materializava em forma de um segundo salário. Isto se dava porque tinham a carteira assinada na sua função exercida na fábrica e assinavam um contrato pelo clube de futebol como não-amador, já que não podiam ter contrato como jogador profissional, tendo em vista a impossibilidade de ter duas assinaturas de contrato na carteira de trabalho. Sem falar no bicho que recebiam a cada resultado ou conquista importantes.

De acordo com o senhor Viana, a gratificação ao final das partidas era o que fazia os jogadores se esforçarem. Os atletas recebiam Cr\$ 100 para cada vitória e Cr\$ 50 pelas partidas empatadas. Na primeira partida da final do campeonato cearense de 1957, após o Usina derrotar o Ceará, os jogadores receberam Cr\$ 500 de bonificação (**Melo**, Fortaleza, 18 mai. 2015).

Os operários-jogadores tem uma posição privilegiada dentro da fábrica, se levarmos em consideração a situação do operário médio em Fortaleza. No mesmo ano em que os jogadores do Usina receberam Cr\$ 500,00 de “bicho” após uma partida de futebol, a situação dos trabalhadores têxteis do Estado não se encontrava tão favorável assim.

O ano que se findou foi um ano de duras provações para os trabalhadores têxteis do Ceará. Como se não bastasse o flagelo cada vez maior da carestia de vida, tiveram que se defrontar em 1957, os trabalhadores fabris de nosso Estado com um outro flagelo mais grave ainda que o primeiro: o flagelo do desemprego em massa (O Democrata. Fortaleza, 03 jan. 1958).

Tendo em vista as informações apresentadas, podemos perceber que o futebol se apresentava para os subordinados que estavam inseridos na prática esportiva que partia de dentro da fábrica Siqueira Gurgel como uma ferramenta ativa de luta contra os desmandos da dominação patronal. Por meio do futebol, a prática do trabalho e do ofício dentro da fábrica, ganha novas significações para os operários-jogadores, tornando-se, assim, numa luta implícita e informal (CASTORIADIS, 1985, p. 62).

Mas nem todos os operários conseguiam alcançar tais privilégios, seja por não ter aptidão física ou técnica ou até mesmo não gostarem do esporte e lhes faltarem o interesse. Assim, esses operários médios procuram outros meios de resistir aos abusos de seus dominantes. Voltando para os lugares de transmissão do discurso oculto apontados por James Scott, é bem provável que os operários-jogadores não compartilhassem dos mesmos espaços sociais de difusão do discurso oculto que os demais operários, uma vez que não passam por situações idênticas e não sofrem os mesmos abusos. Até seus ganhos simbólicos no mundo do trabalho, conseguidos por meio da prática esportiva, devem soar como privilégios para o operário médio.

A partir desse ponto de vista podemos entender porque a fala do senhor Viana, quando perguntado o que os outros trabalhadores achavam do fato de apenas os operários-jogadores terem folga durante o trabalho, vem carregada de sentimento classista quando se fala do clube da fábrica.

A folga do expediente era só pra quem jogava. Quem não jogava não tinha folga não. Era direto. A firma era muito grande, mas a turma era muito unida. O povo gostava do time. O time era bom, o time era vitorioso. Era muito difícil se perder um jogo fácil. O time era aguerrido (Melo, Fortaleza, 18 mai. 2015).

Ao falar que o povo gostava do time, Viana está falando dos trabalhadores da fábrica Siqueira Gurgel. Percebe-se que para o operário-jogador era necessário ser vitorioso e aguerrido para conquistar a simpatia do grupo. Mas, pelas suas palavras, podemos apreender que os operários-jogadores não estavam inseridos nos espaços sociais de difusão do discurso oculto do operário médio, pois enquanto uns são perseguidos e denunciados aos gerentes pelos seus mestres, o mestre da tecelagem, faz vista grossa e não permite que Viana faça esforços para obter bom rendimento nos

treinamentos e nos jogos. Ou seja, por sua fala estar carregada de significados que vem de outros espaços de desenvolvimento do discurso oculto que não os dos operários-jogadores, talvez a “turma não fosse tão unida” assim.

3- Futebol: campo social de resistência

As diferentes formas que os sujeitos históricos se apropriam do futebol mostram como esse lugar destinado ao esporte pode se apresentar como um espaço de transmissão do discurso oculto, a partir dos graus de liberdade que a ele são conferidos. Por se tratar de um esporte que atrai numerosos expectadores – seja para torcer pelo seu clube de coração, ou para acompanhar um bom espetáculo, ou até mesmo para estar presente em partidas comemorativas – o futebol tem em seus campos, oficiais ou não, espaços de reunião cooperativa onde se pode discutir, aprimorar e desenvolver os discursos ocultos.

James Scott se vale da tese de Mikhail Bakhtin acerca dos mercados medievais como um lugar privilegiado para a divulgação de um discurso anti-hegemônico, uma vez que no mercado as pessoas se reuniam de maneira mais ou menos espontânea sem que houvesse cerimônias impostas de cima. No mercado havia certo grau de anonimato e o ato de comprar e vender colocava seus frequentadores num pé de igualdade. Para Bakhtin, essa atmosfera encorajava formas de discurso excluídas do mundo da hierarquia e das boas maneiras (SCOTT, 2013, p. 177).

Pensando nessas questões, podemos entender os lugares onde se praticava o futebol como espaços de divulgação de um discurso anti-hegemônico. O indivíduo que se apresenta na multidão ganha certo aspecto de anonimato juntamente com outros dos seus. Eles se configuram como torcedores e neste momento não importa a origem social, nem o valor do salário que recebem, nem mesmo o emprego que tem, uma vez que naquele espaço são aficionados. O ato de torcer os coloca em pé de igualdade. São essas características que conferem graus de liberdade para que o indivíduo se valha dos espaços destinados aos torcedores nos campos de futebol – arquibancadas de madeira, concreto frio ou áreas descampadas – para divulgar, aprimorar ou desenvolver o discurso oculto.

No dia 25 de setembro de 1949, realizou-se no estádio Presidente Vargas uma partida amistosa entre Fortaleza e Ferroviário, líderes do campeonato do corrente ano,

para homenagear o prefeito de Fortaleza, Acrísio Moreira da Rocha, no dia do seu aniversário. Por se tratar de uma partida festiva entre as duas melhores equipes do futebol cearense do ano, muitos aficionados marcaram presença nas arquibancadas do “PV”. Durante a partida houve um incidente envolvendo “os da arquibancada de cimento”. Estes lançavam laranjas nas pessoas que ocupavam as cadeiras à beira do gramado, sendo necessária a intervenção da Guarda Civil.

E aí não funcionou o decantado “poder de polícia” do Governador Faustino. “Los Guardias Civiles” brilharam pelas costas voltadas à luta, tanto é a evidência que uma “laranja usada” atingiu, em cheio, o uniforme branco de um mantenedor da Ordem (Cancha Esportiva. Fortaleza set. 1949).

Importante perceber que tal atitude de enfrentamento da população com os guardas civis se deu por conta da possibilidade que o estádio de futebol oferece ao indivíduo de se manter anônimo em meio à multidão. Houve uma apropriação do estádio Presidente Vargas por parte do grupo que ocasionou tais atos, uma vez que, em meio a uma celebração ao chefe do executivo da cidade, parte da torcida entra em confronto justamente com o braço repressor do Estado responsável por manter a ordem da cidade, mas que, naquela situação, não conseguiu manter a ordem e a disciplina de alguns civis.

Claro que o ato de atirar laranjas nos guardas civis não se configura numa mudança prática e imediata das condições sociais daqueles que ocupavam as arquibancadas de cimento do PV. Mas tal atitude, encorajada pelo anonimato, representa um ato simbólico de suspensão de privilégios numa sociedade que se apresenta desigual e oportunista com aqueles que são subordinados, bem como cada vez mais posta sob controle.

Em fins da década de 1940, Fortaleza vivia sob uma onda moralista, muito ainda fruto das ações do Secretário de Polícia e futuro prefeito Cordeiro Neto. Medidas saneadoras eram tomadas no sentido de tentar controlar as ações de libertinagem que atentassem contra os bons costumes da família tradicional fortalezense. Fechamentos de bares em horários determinados, a proibição da permanência de prostitutas nas ruas à noite, o controle sob a venda de cachaça (JUCÁ, 2000, p. 153), são exemplos de como se davam as formas de vigilância daqueles que possivelmente seriam os perturbadores da ordem urbana. Tais proibições retiravam da camada mais popular possibilidades de

lazer e sociabilidade que eram consideradas degradantes, mas que poderiam ser aquelas que os menos abastados teriam acesso.

A polícia, tentando controlar o crescimento de bordéis, exigia a concessão de licenças para as diversões dançantes que fossem programadas (...). Até as quermesses, organizadas sobretudo nos subúrbios, realizavam-se sob controle policial, que procurava restringir as diversões, relacionando festas dançantes com locais suspeitos ou cabarés. Inclusive a venda de bebidas alcoólicas só passaria a ser permitida a partir das 19 horas (JUCÁ, 2000, p. 143).

A ação de jogar laranjas nos guardas civis em plena comemoração do prefeito de Fortaleza no estádio Presidente Vargas pode ser entendida como vandalismo ou “molecagem”, num primeiro momento. Mas há aí um sentido de contestação social, que, por mais que não tenha sido planejada, é fruto de discursos ocultos difundidos em outros espaços de circulação que teve oportunidade de se efetivar no estádio de futebol.

Os campeonatos de futebol organizados pela Seção de Recreação Social do SESI – Serviço Social da Indústria – desenvolveram-se longe das amarras e do controle da Federação Cearense de Desporto, o que facilitava a entrada dos clubes, se configuram também num local de difusão do discurso oculto. Nesses campeonatos desapareciam as categorias de profissional, não-amador, aspirante etc. Aqueles indivíduos que se dispunham a participar desses torneios se configuravam no mesmo nível, sem hierarquia entre eles, o que facilitava a criação de um espaço de difusão do discurso oculto.

Tais campeonatos eram realizados no estádio do Usina Ceará no bairro Otávio Bonfim. Por mais que se configurasse num confronto entre industriários, essa disputa se dava apenas no gramado, já que, muitas vezes, eram nesses campeonatos que os operários tinham a oportunidade de se encontrarem fora dos muros de suas fábricas para compartilhar experiências e as agruras do cotidiano fabril. Para além da disputa, por se tratar de uma reunião de iguais, a solidariedade entre eles enquanto classe é que poderia ser a característica principal desses campeonatos.

Falar mal do patrão, dos baixos salários e da alta carga horária de trabalho, apresentam-se como possibilidades de discussão e troca de experiência entre os trabalhadores que participavam dos campeonatos organizados pelo SESI. É a partir da solidariedade dos subordinados que se contestam os privilégios dos dominantes. Mas tal contestação necessita ser feita longe das vistas dos dominantes e os domingos de campeonato serviriam como tal.

Conclusão:

Por meio de aspectos inerentes ao lazer e ao desporto podemos apreender diversas significações de uma determinada sociedade. Esta premissa também se confirma no que se refere aos estudos históricos inerentes ao mundo do trabalho, uma vez que o mesmo pode ser estudado para além das relações de produção. Desse modo, a partir da equipe fabril Usina Ceará Atlético Clube como objeto de estudo, podemos discutir e analisar as relações sociais que vêm a reboque da prática esportiva. Intentamos neste breve escrito analisar o futebol que parte de dentro das fábricas na cidade de Fortaleza entre os anos de 1949 e 1965, e como esse esporte foi apropriado por sujeitos com interesses conflitantes no ambiente fabril, seja patrocinando, jogando ou torcendo.

FONTES:

JORNAIS:

O Democrata – 1950, 1951, 1954, 1957, 1958. In: acervo físico da Biblioteca Pública Menezes Pimentel – Fortaleza CE.

REVISTAS:

Cancha Esportiva. Fortaleza – 1949. Acervo Pessoal. Formato JPG.

MEMORIALSITAS

DAMASCENO, Alberto. **Presepadas no mundo da bola**. Fortaleza, Governo do Estado do Ceará, 2003.

ORAIS:

MELO, José Viana de. Entrevistador: Pedro Paulo da Silva Martins. Fortaleza (CE), 18 de maio de 2015.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

CASTORIADIS, C. **A Experiência do Movimento Operário**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

GEREMEK, Bronislaw. **A piedade e a força: história da miséria e da caridade na Europa**. Lisboa: Terramar, 1986.

JUCÁ, Gizafran Nazareno Mota. **Verso e reverso (1945-1960)**. São Paulo: Annablume; Fortaleza, 2000.

POLANYI, Karl. **A grande transformação: as origens de nossa época**. Rio de Janeiro: Campus, 2000.

SCOTT, James. **A dominação e a Arte da Resistência: discursos ocultos**. Lisboa: Letra Livre, 2013.